



# Três contos (e uns trocos)

**Nuno Gomes**

Caro Eça, escrevo-lhe esta carta com algum atraso, admito. Espero não o fazer tarde demais, pois ouvi uns rumores que teria morrido. Espero que tenha recuperado, pois isso de morrer não faz bem a ninguém.

Nunca li um livro seu, com grande pena minha. Tentei ler os resumos da europa-américa de um livro seu muito conhecido, não sei se seriam os maias ou os maiatos, mas não consegui passar da capa, porque adormeci antes. Nunca mais dei com ele porque costumo adormecer à porta de casa por não dar com a chave, e no dia seguinte não me lembro de me levantar, o livro deve ter ficado para trás e o lixeiro levou-o.

A minha mulher já leu os seus livros todos, só sou eu a escrever porque ela teria vergonha de dar a cara. Eu até a compreendo, mas não a entendo. Ela via as suas personagens em todos os sítios onde íamos. Na missa, o padre caloiro fazia-lhe lembrar o Amaro, o nosso médico de família era, sem tirar nem pôr, o Carlos da Maia. E um homem barbudo que conhecemos num cruzeiro no Mediterrâneo era o Raposo. Não sei se ela dizia isto apenas para me irritar, mas sempre tive ciúme do amor que ela dedicava à sua leitura e releitura da sua obra, e do interesse que ela tinha para conhecer melhor esses 'sósias' das suas criações. De um momento para o outro passou a ir três vezes por semana à missa, e a confessar-se sempre que entornava um chá. As enxaquecas passaram a ser diárias, e só o facto de a estrada ter ficado inundada a impediu de ir mais vezes ao médico. Por último, criou-se nela uma ideia macabra de passar a vida a cruzar o Mediterrâneo, fazendo a vida dela a partir do paquete. Nem sabia o que pensar.

Até que há dois anos recebi uma carta que dizia, singelamente, que tinha conhecido um tal de Ramires, e adeus. Levou apenas o panrico e o aquário de peixes de água-doce.

Eça, esteja onde estiver, obrigado por nada.

## o bom ditador

Há quem me questione, aqui e ali, o porquê de eu ser alfarrabista. É uma profissão que, para lhes ser sincero, acumula muitos dissabores e contratemplos. Oscila muito rapidamente entre dias bons e semanas, meses e mesmo anos menos bons. Não é todos os dias que recebemos no nosso estabelecimento uma edição original dum Camilo Castelo Branco ou dum Júlio Dinis, com capa de couro e lombada letrada a ouro. São também boas as manhãs em que um cliente espera, avidamente, lá entre as nove e as nove e um quarto, a abertura da loja. Digo-lhes que não, que o Cervantes numerado não é para já, que as revistas francesas de artes decorativas chegam só na próxima semana, sempre com o sobrolho ligeiramente franzido e com um ar de enjoo matinal.

Estes são, na realidade, os melhores momentos do meu dia. Apenas finjo um ar de chateado para parecer que sou um alfarrabista muito ocupado. Ou que sou muito prestigiado. Nada disto é verdade, mas gosto de me convencer do contrário.

Ser alfarrabista é um pouco como ter um café. Um pingo directo equivale a um Mário de Carvalho ou a um Mário de Sá Carneiro, ou talvez a um Rui Zink. Um Compal e um croissant serão talvez um Miguel Esteves Cardoso e um Émile Zola. Sem creme, claro. A um B active drink ou uma caipirinha responderia que não trabalhamos com a Margarida Rebelo Pinto ou com o Paulo Coelho. Se pedissem uma torrada com mel, por exemplo, pediria que esperassem um pouco, era preciso encontrar o mel e tal. Era como se me pedissem poesia medieval portuguesa versando castelos e feiras, tinha de investigar e encomendar.

Agora, se chega alguém e pergunta *Vocês fazem Entromisado de Chaimírias à Modinha de Pipicola? É muito popular agora!*, o que responder? Ora, meus amigos, para isto ninguém está preparado. Nem anos de experiência, nem acções de formação, nem a vizinha do lado! Aconteceu há dois meses, quando o meu estabelecimento foi, posso dizê-lo, invadido por um desses intelectuais de segunda. A roupa encardida, a pêra cofiada, um ar de tísico mal amanhado. Soltou alto e bom som *Sua Excelência poderia indicar-me em que prateleira posso encontrar a edição britânica de 'Clueless in Nebraska' de Arnald Winter? Sabia que este livro quebrou todos os recordes de best-sellers da história? Li ontem no 24 Horas*. Ora, a um cliente normal, habitué, olharia-o com ar raivoso e diria *Não trabalhamos com literaturas anglófonas!!!* ou algo semelhante, apesar de ser mentira, apenas para o calar. E ele sairia com o rabo entre as pernas, envergonhado por ter dito aquilo.

Ora este Torquemada anacrónico, do alto do seu metro e meio, notou a minha hesitação. *Então?*, rosnou. A verdade é que não fazia a mínima ideia do que ele estava a falar. Ainda esbocei um olhar para uma das prateleiras, mas logo encolhi os ombros. *Não conheço esse autor*. O 'cliente' ensaiou um leve sorriso, que rapidamente se espalhou por toda a sua face, num óbvio ar de desafio. Durante longos momentos fitou-me, seco, triunfante, desdentado. Ele estava a ganhar, a cobrir-se de glória. Eu sentia que o suor não tardaria, começava o tique nervoso do olho esquerdo. 'Isto, na minha própria livraria? É insuportável!' pensava, e a tensão crescia entre nós dois. Quase que diria que notei uma poeirita a cruzar o ar, insinuava-se um duelo pela morte ao bater do meio-dia. Aí não hesitei, anos a maltratar clientes difíceis vieram ao de cima. Nem o deixei sacar a arma. *Mas o amigo pensa que está no Continente? Aqui não se vendem best-sellers, só*

*best-writers. Pode sempre tentar a Bertrand ali da esquina, eles até têm cartão de cliente habitual!*

Nunca mais por cá apareceu. Deve ter-se refugiado num bar qualquer, a beber Safari com cola ou algo assim.

## retrato do super-herói enquanto jovem

Arnaldo era um sobredotado. E conseguia ser, em Labruge, o homem solteiro com mais super-poderes. Rodrigo, o homem-osga, subia toda e qualquer parede, o que era ótimo pois era electricista. Rosalinda conseguia voar, e era por isso apelidada de gaivota-humana; como distribuía correio os seus poderes davam-lhe imenso jeito. Arnaldo conseguia mudar de cor-de-rosa pálido para azul fluorescente em dois piscares de olhos, o que não lhe servia de nada na sua profissão, pois era sacristão. O nome de homem-camaleão nunca chegou a ser aventado por ninguém, pois as pessoas da aldeia eram simples e pouco imaginativas. De qualquer maneira, não sabiam o que era um camaleão. Arnaldo podia mudar para qualquer cor imaginável, mas nunca à frente da mãe, pois ela ficava com dor de cabeça. O pai, benfiquista, divertia-se com estas mudanças de cor, mas ameaçava sempre Arnaldo com o chinelo se este passava para azul quando o Benfica sofria um golo. No amor os seus dons conseguiam ser bastante inconvenientes. Quando tinha um orgasmo a sua pele ficava toda verde-esmeralda e o seu pénis começava a piscar como uma luz de alarme. Quase todos os seus namoros acabavam nesse preciso momento, com as namoradas a correrem porta fora, a maior parte berrando 'Está viva! Está viva!'

'São uma grande dádiva', pensava Arnaldo sobre os seus poderes, 'mas não me pagam a hipoteca da boneca insuflável'. Sempre que tentava ganhar dinheiro com os seus poderes, as coisas não lhe corriam da melhor maneira. Uma vez os semáforos deixaram de funcionar no único cruzamento de Labruge, e Arnaldo tentou orientar o trânsito, pondo-se no meio da via e mudando de cor. Ao fim de uma semana, de quatro fracturas do perónio e um maxilar desaparecido desistiu, e procurou outra carreira profissional. Durante um tempo tentou o circo. Os Irmãos Cardinalli já tinham um homem que mudava de cor, enquanto que o circo Victor Cardinalli Jr tinha uma mulher que, apesar de não mudar de cor, era sempre azul. Ao circo Carbinalli nem chegou a ir, pois ouviu dizer que o director era daltónico e pensava que os leões eram roxos. A sua oportunidade chegou quando fez dezoito anos, e celebrou um contrato com a Tintas 2000 no departamento de investigação de cores, sendo contratado a recibos verdes pela Robbialac duas semanas depois, para ir acabar na Cin com um contrato vitalício. Morreu aos setenta e dois anos, quando um antigo colega da primária lhe virou uma lata de diluente sobre a cabeça.

**Nuno Gomes**, famoso por não jogar futebol, vive na Póvoa de Varzim e é arquitecto. A sua estreia literária foi a 18 de Setembro de 2003, quando escreveu pela primeira vez no seu blogue, "Coisas do Gomes". Houve uma outra ocasião, a que o autor atribui bem menos importância, em que um texto seu foi publicado no Público. Diz ter participado num concurso de escrita, o que, pelos vistos, terá redundado num tremendo fracasso, pois o autor distraiu-se, entregando uma receita de culinária. Nas palavras bem-humoradas do próprio Nuno Gomes, "não ganhei, mas foi por pouco"...

A presente edição de  
**Três contos (e uns trocos)**  
é distribuída pela **GZe-ditora**,  
projecto editorial electrónico da  
Associação Galega da Língua (**AGAL**),  
inserido no **Portal Galego da Língua**.  
<http://www.agal-gz.org>

**Títulos publicados:**

*Mares de Queijo*  
*Breves anotações sobre a relação Galiza - Portugal na Banda Desenhada*  
*A Sentença Eichman: a Liberdade de Expressão é mais que uma Bandeira*  
*O Dia das Letras no sistema literário galego*  
*A euro-região económica de Galiza, Norte de Portugal*  
*Conclusões do Fórum da língua*  
*A guerra santa, e petroleira, de Bush filho*  
*Declaração da Independência dos Estados Unidos*  
*Cantares Vaqueiros*  
*Temporada das Letras*